[Títulos]
Extrema direita pode sair vencedora das eleições gerais de amanhã na Holanda. Nesta edição, analisamos o impacto da possível vitória de Geert Wilders e analisamos também as crescentes tensões políticas entre alguns estados europeus e a Turquia

Donald Tusk reconduzido no cargo de Presidente do Conselho Europeu. As prioridades do novo mandato e a oposição da Polónia em análise neste programa

Theresa May insiste em iniciar formalmente o processo de saída do Reino Unido da União Europeia ainda este mês, mesmo depois de mais uma derrota no Parlamento britânico
[Fim dos títulos]

Bem-vindos ao Magazine Europa,

Amanhã, quarta-feira, há eleições gerais na Holanda, de onde sairá o novo Governo do país.

À frente na corrida estão o candidato da extrema direita, Geert Wilders, líder do Partido da Liberdade, e o actual primeiro-ministro Mark Rutte, do Partido Popular para a Liberdade e a Democracia, de centro-direita.

As mais recentes sondagens apontam para uma corrida renhida. Mark Rutte diz que, tal como em outros países, tudo pode acontecer:

RM – Mark Rutte:
"Vejam o que aconteceu com o Brexit, antes da meia-noite de 23 de Junho, tal como a 8 de Novembro julgávamos que seria impossível que Trump vencesse as eleições. Ambos aconteceram, pelo que é igualmente possível que Geert Wilders vença as eleições."

Ao telefone, a partir de Bruxelas, está o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional baseado na capital belga.

Olá, Victor, mesmo que vença estas eleições gerais, o Partido da Liberdade não pode formar governo sozinho. Será difícil a Geert Wilders encontrar aliados para uma coligação?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que sim. Penso que vai ser praticamente impossível. Na realidade, a Holanda é um país de coligações. O governo na Holanda é sempre um governo de coligação. As coligações demoram, às vezes, meses a formar, mas a realidade é que a pulverização da vida política e partidária na Holanda não permite uma outra solução além da de governos com vários partidos. O que vai provavelmente acontecer é que, mesmo que Geert Wilders ganhe as eleições, ele não conseguirá constituir um governo de coligação, porque os outros partidos irão recusar. Aliás, isso já aconteceu no passado.

Há quem olhe para Geert Wilders como um Donald Trump europeu...

RM – Victor Ângelo:
"Ele não é um Donald Trump europeu. O Donald Trump, apesar de tudo, tem ideias programáticas mais vastas do que Geert Wilders. Geert Wilders só tem uma agenda no seu programa político, que é ser anti-islâmico. Toda a sua campanha eleitoral foi no sentido de combater a presença do Islão na Holanda."

Que impacto pode ter a vitória de Geert Wilders na Europa?

RM – Victor Ângelo:
"A eleição de amanhã nos Países Baixos é uma eleição muito importante. Eu vejo a eleição na Holanda como um barómetro. Se o populismo ganhar bastantes votos nas eleições holandesas, isso provavelmente será uma indicação do que vai acontecer em França. E, se isso acontecer em França, nós

estaremos numa situação que porá muito seriamente em perigo a continuação da União Europeia. As sondagens não dão Geert Wilders com uma grande vantagem, mas provavelmente muita gente que não responde às sondagens, ou que diz nas sondagens que não sabe em quem vai votar, poderá vir a votar pelo partido da extrema-direita. Se isso acontecer, é muito possível que também isso aconteça na França. E, nesse caso, Marine Le Pen teria muitas hipóteses de ser o novo Presidente da França."

Ainda na Holanda, o último fim-de-semana ficou marcado por confrontos em Roterdão entre manifestantes turcos e a polícia. Em causa o facto de as autoridades holandesas terem impedido a entrada no país do Ministro turco dos Negócios Estrangeiros, que anda em digressão pela Europa para promover um referendo que visa reforçar os poderes do Presidente da Turquia.

Esta decisão da Holanda, Victor, está relacionada com as eleições?

RM – Victor Ângelo:
"Sim, o que aconteceu na Holanda em relação à presença e às campanhas dos ministros turcos está directamente relacionado com o acto eleitoral. Este foi o último fim-de-semana antes das eleições e é evidente que o Governo e, nomeadamente, Mark Rutte tinham que mostrar que controlam a situação e que não podem de modo algum permitir que uma potência estrangeira, como é a Turquia, venha fazer campanha eleitoral na Holanda, sobretudo nas vésperas de um acto eleitoral muito importante, como são as eleições que vão decorrer neste dia 15."

A Alemanha também já tinha cancelado recentemente um evento turco no país, um evento destinado à campanha pelo "sim" no referendo da Turquia. Há um sentimento anti-turco ou mesmo anti-muçulmano a crescer na Europa...

RM – Victor Ângelo:
"Há, há um sentimento anti-Islão muito forte e tem crescido

bastante. [...] Todas as estatísticas da polícia nos diferentes países da Europa central, digamos assim [...], mostram que, em relação a três ou quatro anos atrás, o número de incidentes com as comunidades islâmicas tem aumentado bastante. Por um lado, há mais provocações contra os cidadãos de fé islâmica, e, por outro lado, os cidadãos islâmicos, como são também já em número relativamente importante, mostram claramente que são de fé islâmica e tentam afirmar-se dentro destas sociedades. Ou seja, estamos a entrar numa situação em que as confrontações serão cada vez mais frequentes, embora não convenha exagerar. Porque o que aconteceu no fim-de-semana em Roterdão, no sábado, por exemplo, foi que o número de manifestantes turcos não ultrapassou as mil pessoas, e no domingo o número de manifestantes foi na ordem das duas centenas. Ou seja, estamos a falar de um número relativamente baixo de manifestantes, mas isso, evidentemente, quando aparece na televisão dá a impressão de que o país está em pé de guerra. E não está."

Ancara acusou a Holanda e a Alemanha de serem Nazis e já disse que este tipo de oposição por parte de alguns Estados europeus pode pôr em risco as negociações entre a Turquia e a União Europeia. Que consequências pode esta situação ter nas relações entre os dois lados?

RM – Victor Ângelo:
"As relações entre a União Europeia e a Turquia estão neste momento num período muito difícil. São relações muito complexas em que ambos os lados necessitam do apoio oposto, mas, por outro lado, há grandes rivalidades e grandes problemas, e, nomeadamente, [há] a questão do que é que vai acontecer à Turquia em termos de adesão ou não ao espaço europeu. Penso que essa adesão, neste momento, está cada vez mais longe, e vai ser muito difícil convencer a opinião pública europeia que a Turquia poderá um dia ser membro da União Europeia. São culturas muito diferentes e a Turquia é um país com um peso demográfico muito grande e as pessoas

têm medo."

E o acordo sobre os refugiados, assinado entre a Turquia e a União Europeia? Está em risco?

RM – Victor Ângelo:
"É uma ameaça que está sempre no ar. O Presidente turco poderá, evidentemente, jogar com esse factor e, novamente, empurrar os refugiados sírios em direcção à Europa. Mas, neste momento, eu penso que uma situação dessas agravaria de modo excepcional um relacionamento que já é muito difícil e seria de uma grande imprudência."

Donald Tusk foi reeleito Presidente do Conselho Europeu, mesmo sem contar com o apoio do governo polaco, que chegou a apresentar um candidato alternativo.

Segundo fontes citadas pela BBC, Donald Tusk, antigo primeiro-ministro da Polónia, terá recebido o voto favorável de 27 Estados membros. Na cimeira do Conselho Europeu, Tusk mostrou-se optimista quanto à economia da União Europeia:

RM – Donald Tusk:
"Pela primeira vez em quase uma década, a economia de todos os 28 Estados membros está a crescer. Ainda há um grande caminho a percorrer no que se refere ao desemprego, mas este cenário favorável tem significado. Este é um momento para fazermos o que tem de ser feito para alcançar efeitos de crescimento a longo prazo e avançar em questões de justiça social. Os parceiros sociais serão importantes para garantirmos que todos vão beneficiar destas melhorias da economia e não apenas alguns."

A reeleição de Donald Tusk esteve envolvida em polémica. Na quinta-feira houve mesmo um desentendimento entre membros do Governo polaco e o Presidente francês, que chegou a ser falado como um possível candidato à Presidência do Conselho Europeu. A Polónia boicotou a declaração final dos Estados-membros e acusou Paris de

chantagem, por alegadamente ameaçar Varsóvia com a retirada de fundos europeus por comportamento inapropriado. Victor, como é que este finca-pé da Polónia foi recebido em Bruxelas?

RM – Victor Ângelo:
"O que aconteceu com a reeleição de Donald Tusk foi, sobretudo, um aviso muito sério ao Governo de Varsóvia. O Governo polaco percebeu claramente, embora não o diga, que não pode pôr em causa a estabilidade da União Europeia e, por outro lado, que há um conjunto de valores comuns que também não podem, de modo algum, ser postos em causa. Essa é a grande mensagem recebida em Varsóvia. E eu penso que essa mensagem também foi recebida na Hungria. Viktor Orbán, o primeiro-ministro húngaro, também percebeu que, quando há questões fundamentais – como a questão da estabilidade da União Europeia – que estão em causa, não há, neste momento, vontade nenhuma para birras nem para situações de teimosia, como aquela que o Governo da Polónia queria tentar impor."

Quais devem ser as prioridades de Donald Tusk para este segundo mandato?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que Donald Tusk está muito preocupado com a unidade interna da União Europeia e vai fazer tudo o que seja possível para criar pontes entre os diferentes governos da União Europeia. Por outro lado, é fundamental que ele, enquanto Presidente do Conselho Europeu, trabalhe directamente e estreitamente com Jean-Claude Juncker. Também vai ser necessário ajudar a restaurar a autoridade da Comissão Europeia e das instituições comuns, e Donald Tusk aí tem um trabalho muito importante a fazer. Por outro lado, ele terá que mobilizar a juventude europeia. Penso que Donald Tusk tem que basear a sua acção no reforço de três grandes pilares: o pilar da liberdade, o da segurança e o da prosperidade."

Que balanço faz desta cimeira do Conselho Europeu?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que a cimeira da semana passada mostrou que há uma vontade de ultrapassar as divergências e as diferenças de opinião. Os Estados membros estão absolutamente cientes que a União Europeia está numa situação muito, muito difícil, numa situação que era inimaginável há um ano ou dois atrás. E, por isso, eles só têm uma opção, que é consolidar aquilo que já foi conseguido. Porque a outra opção, a opção de cada um puxar a brasa à sua sardinha, seria uma opção que levaria à destruição da União Europeia."

Em Londres, a Câmara dos Lordes aprovou na semana passada uma alteração à legislação relativa ao Brexit que permite aos deputados rejeitar os termos finais das negociações sobre a saída do Reino Unido da União Europeia. Uma decisão que contraria a posição assumida pela primeira-ministra. Apesar do novo revés no Parlamento britânico, Theresa May afirmou, em Bruxelas, que mantém os planos de avançar com o início formal das negociações com a União Europeia até ao final de Março:

RM – Theresa May:
"Os nossos parceiros europeus deixaram claro que querem avançar com as negociações e eu quero o mesmo. É tempo de avançar com a saída da União Europeia e construir uma Grã-Bretanha global, independente, governada por si mesma, que o povo britânico pediu. Vamos activar o artigo 50 até ao fim deste mês. Vai ser um momento decisivo para o Reino Unido quando começarmos o processo. Vamos encontrar um novo papel no mundo. A Grã-Bretanha vai deixar a União Europeia, mas não a Europa. Uma Grã-Bretanha que se afirma no mundo é um país que vai continuar a ser um bom amigo e aliado de todos os nossos parceiros europeus."

Victor, parece-lhe viável esta data?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que sim. Há uma vontade muito clara de Theresa May de avançar rapidamente com a declaração relativa ao artigo 50. E até pode acontecer esta semana. Agora, o Brexit – e o que aconteceu na Câmara dos Lordes é um exemplo disso – é um processo extremamente complexo e, na realidade, quer o Reino Unido, quer os outros Estados membros da União Europeia estão neste momento perante um dilema. Por um lado, há a preocupação de salvaguardar ao máximo aquilo que foi adquirido ao longo de várias décadas e, por outro lado, e essa é a outra face do dilema, o acordo com os britânicos tem de mostrar que quem sai perde. Não se pode sair da União Europeia e ficar a ganhar. Isso permitiria o contágio do Brexit a outras situações nacionais."

Como se explica esta resistência da Câmara dos Lordes ao processo de saída de Londres da União Europeia?

RM – Victor Ângelo:
"Há vários membros da Câmara dos Lordes que são a favor da continuação do Reino Unido na União Europeia. E, por outro lado, a Câmara dos Lordes, que não está directamente submetida à pressão popular, pode reflectir sobre o futuro do Reino Unido e o futuro do relacionamento do Reino Unido com a Europa de uma maneira mais independente. E foi isso que eles fizeram. E vieram, nomeadamente, mostrar, por exemplo, que os direitos adquiridos pelos cidadãos europeus e que vivem neste momento na Grã-Bretanha não podem ser postos em causa nem podem ser utilizados como moeda de troca no processo de negociações."

Na semana passada, os líderes da Alemanha, Espanha, França e Itália juntaram-se em Versalhes para debater a ideia de uma Europa a várias velocidades. Faz sentido esta reivindicação dos países fundadores da União Europeia numa altura em que estão prestes a começar as negociações do Brexit?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que anda tudo à procura de uma solução. Todos reconhecem que existe uma situação grave, que a Europa está seriamente ameaçada e os vários países, e nomeadamente os países que se reuniram em Versalhes, estão preocupados e procuram encontrar soluções. E uma das soluções é, nitidamente, a solução de se avançar de modo diferente. Os países que estiverem interessados numa integração mais profunda avançarão mais rapidamente nesse sentido; os países que, por razões internas ou por razões políticas ou por razões históricas, não possam avançar tão rapidamente no sentido da integração avançarão mais lentamente. Aliás, é isso que já acontece nomeadamente em relação ao euro. Isso vai acontecer também noutras áreas: vai acontecer certamente na área da defesa, mais do que na área da segurança interna, mas na área da defesa comum eu penso que vai acontecer."

A análise de Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.

A fechar, falamos de um conjunto de fotografias raras de Adolf Hitler, que vai ser leiloado amanhã, no Reino Unido. O álbum reúne 73 fotografias encontradas há mais de 70 anos no quarto da companheira de Hitler, Eva Braun.

O álbum esteve nas mãos do fotógrafo britânico Edward Dean, que entrou no bunker pouco depois do suicídio de Hitler e Braun, em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial. As fotografias mostram Hitler e alguns funcionários em momentos informais e estão desde os anos 80 na posse de um coleccionador. Amanhã vão ser postas à venda, em leilão, pela casa C&T Auctions, por um total de 21.400 euros.

Memórias históricas da segunda guerra mundial no fecho desta edição do Magazine Europa. Até para a semana!

[Ficha técnica:]

Com edição e apresentação de Sofia Jesus, a análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do Projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões expressas neste magazine não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.